

A EXPERIÊNCIA DOS RETORNADOS, O CONTRADITÓRIO REGRESSO A UM LUGAR AONDE NUNCA SE FOI

THE EXPERIENCE OF RETURNED, THE CONTRADITORY RETURNED TO A PLACE WHERE IT WAS NEVER BEEN

Maria Inês Varela Paim¹ (UPF)
Debora Gaspar Falkemback Oliboni² (UPF)

RESUMO

A presença de colonizadores portugueses em terras por eles colonizadas durou o tempo em que se tornou impossível para eles impedir o desejo dos colonizados de retomar o poder sobre suas próprias vidas. Contudo, pode-se dizer que, no pós-colonialismo, instaurado em virtude dessa espécie de nostalgia dos africanos, isto é, a vontade de retornar a um passado, atingiu também aos portugueses colonizadores. Expulsos das colônias pelos colonizados, muitos tiveram que retornar a Portugal, sob condições incertas, e também se viram atingidos pelo mesmo sentimento nostálgico, mas, nesse caso, a nostalgia se mostrou dupla porque, ao mesmo tempo em que ansiavam pelo retorno à pátria mãe Portugal, em busca de tranquilidade, levavam consigo a saudade das terras africanas e a esperança de também retornar a elas. Assim, é possível dizer que no pós-colonialismo português o sentimento de nostalgia atingiu a colonizadores e a colonizados e para verificar essa hipótese este estudo dedica-se a analisar a obra “Os retornados: um amor nunca se esquece” (2008) do autor angolano Julio Magalhães, buscando compreender a importância dos aeroportos e aeronaves como representação do sentimento nostálgico instalado no e pelo pós-colonialismo. Para cumprir esse intuito, utilizam-se as teorias de Stuart-Hall (2013) e Santos (2003) sobre pós-colonialismo e alguns outros teóricos sobre o tema nostalgia.

Palavras-chave: pós-colonialismo; nostalgia; retorno

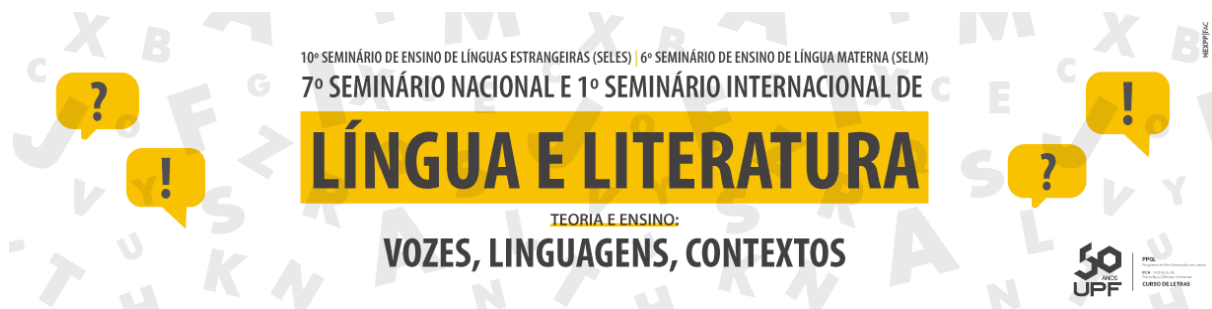
ABSTRACT

The presence of Portuguese settlers on lands colonized by them lasted the time when it became impossible for them to prevent the colonized's desire to regain power over their own lives. However, it can be said that in post-colonialism, established by virtue of this kind of nostalgia for Africans, that is, the will to return to a past, it also affected the Portuguese settlers. Many of them had to return to Portugal under uncertain conditions, and were also affected by the same nostalgic sentiment, but in this case the nostalgia was double because, at the same time, they longed to return to their motherland Portugal, in search of tranquility, took with them the longing for the African lands and the hope of also returning to them. Thus, it is possible to say that in Portuguese post-colonialism the feeling of nostalgia reached colonizers and colonized and to verify this hypothesis this study is dedicated to analyze the work "The returnees: a love never forget" (2008) of the author Angolan Julio Magalhães, seeking to understand the importance of airports and aircraft as a representation of the nostalgic feeling installed in and by post-colonialism. To fulfill this purpose, we use the theories of Stuart-Hall (2013) and Santos (2003) on postcolonialism and some other theorists on the subject of nostalgia.

Keywords: postcolonialism; nostalgia; return

¹ Mestranda do Programa de PPG Letras da Universidade de Passo Fundo-RS. inesvarela7@hotmail.com

² Mestranda do PPG Letras da Universidade de Passo Fundo-RS. deborafalkembackoliboni@gmail.com

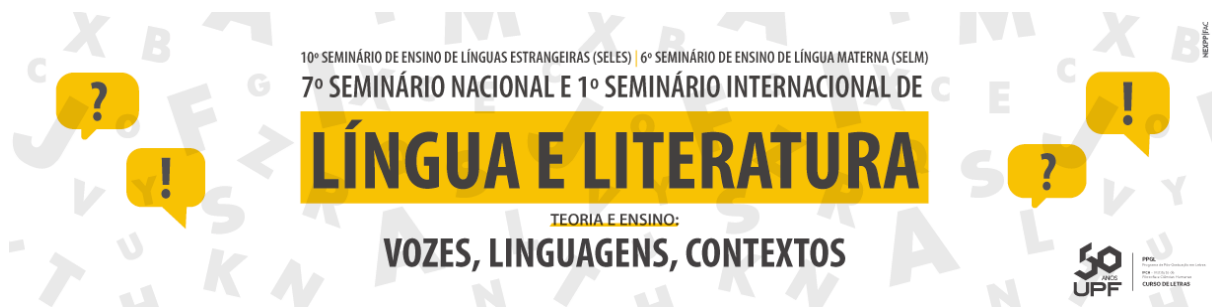


1 INTRODUÇÃO

A presença de colonizadores portugueses em terras por eles colonizadas durou o tempo em que se tornou impossível para eles impedir o desejo dos colonizados de retomar o poder sobre suas próprias vidas. Contudo, pode-se dizer que, no pós-colonialismo, instaurado em virtude dessa espécie de nostalgia dos africanos, isto é, a vontade de retornar a um passado, atingiu também aos portugueses colonizadores. Expulsos das colônias pelos colonizados, muitos tiveram que retornar a Portugal, sob condições incertas, e também se viram atingidos pelo mesmo sentimento nostálgico, mas, nesse caso, a nostalgia se mostrou dupla porque, ao mesmo tempo em que ansiavam pelo retorno à pátria mãe Portugal, em busca de tranquilidade, levavam consigo a saudade das terras africanas e a esperança de também retornar a elas.

Este estudo define como tema o sentimento de nostalgia que atingiu a colonizadores e a colonizados no período de pós-colonialismo português, e para verificar essa hipótese, dedica-se a analisar a obra “Os retornados: um amor nunca se esquece” (2008), do autor angolano Julio Magalhães, buscando compreender a importância dos aeroportos e aeronaves como representação do sentimento nostálgico, instalado no e pelo pós-colonialismo. Para cumprir esse intuito, optou-se pela pesquisa qualitativa de cunho exploratório e para tanto, utilizam-se as teorias de Stuart-Hall (2013) e Santos (2003) sobre pós-colonialismo e nas explicações do Prof. Dr. Roberto Vecchi, da Universidade de Bolonha, em aulas ministradas durante a disciplina Seminários Especiais PPGL UPF – 2017, sobre o tema nostalgia.

Com base neste eixo teórico, analisa-se o sentimento de nostalgia observado no romance *Os Retornados*, obra de autoria de Julio Magalhães, cuja história descreve o sentimento de todos aqueles, que devido à descolonização portuguesa, tiveram que abandonar tudo o que construíram, se desfazer de seus bens e partir rumo ao desconhecido, a fim de reconstruírem uma nova vida. Retrata no desenvolvimento da obra, o profundo sentimentalismo que envolveu a todos, colonizadores e colonizados, tomados por um misto de emoções como angústia, incertezas, e principalmente, o sentimento de nostalgia, a saudade de lugares e tempos vividos, a vida estruturada e estabilizada, tudo isso ficava para trás.



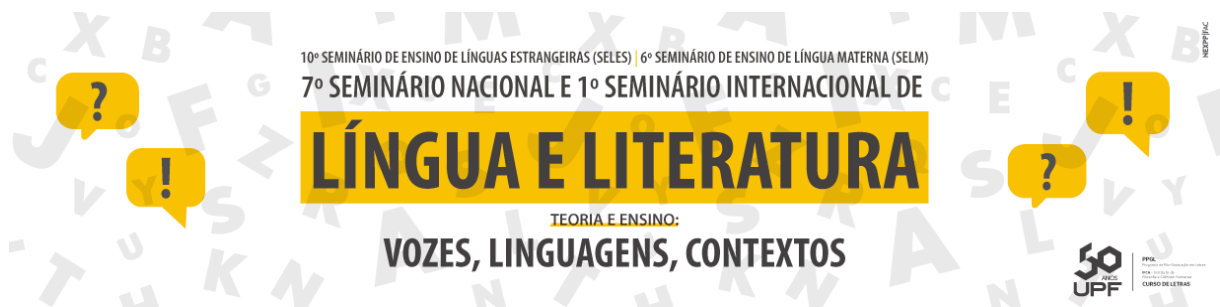
O estudo apresenta recortes da obra, bem como algumas fotografias que retratam o sentimento de nostalgia neste período da descolonização portuguesa, principalmente de pessoas oriundas das colônias africanas.

2 A EXPERIÊNCIA DOS RETORNADOS E O SENTIMENTO DE NOSTALGIA

Um trecho do romance apresenta o relato de pai e filho que conseguiram a liberdade após a morte do seu senhor. “Venha, meu filho, vamos voltar ao meu país! Como a gente é feliz lá! Como a África é bonita” (SANTOS, 2014). Estas são as palavras do pai de Francisco, um ex-escravo brasileiro, ao tentar convencê-lo a sair da Bahia no início do século XIX e retornar para Aguê, na atual Nigéria. O relato de um Francisco já idoso e cego está registrado no diário manuscrito de um missionário católico Baudan, no fim do mesmo século, e que registrou as primeiras impressões de ex-escravo sobre a terra dos seus antepassados.

Esse trecho descreve os sentimentos de pai e filho, que devido a morte de seu senhor, podiam experimentar a sensação de liberdade, mas ainda sem saber definir como poderiam usufruir desta. Mesmo livre, o pai não estava satisfeito, pois sentia muitas saudades da terra natal, contudo, o filho não se empolgava com a ideia de um possível retorno. Depois de muita insistência, Francisco cede à vontade do pai e mesmo com o alto custo da viagem, ambos embarcam num pequeno navio para Aguê. Lá chegando, o então jovem Francisco espanta-se ao ver “um monte de negros que saíam (...) quase nus, que gritavam e pulavam” (SANTOS, 2014). Além de não compreender a língua, Francisco considerava que aquelas pessoas viviam em uma situação miserável e por isso, decide fugir e tomar novamente a embarcação de volta para o Brasil, o que não acontece, pois o navio já havia deixado a praia em que haviam aportado. Francisco é tomado de grande tristeza, já que não consegue reconhecer no lugar a felicidade da qual o pai tanto falava.

O relato aponta para dois possíveis pontos de vista do retorno: o do pai, saudoso da terra de sua infância, e o do filho, nascido no Brasil, portanto, distante da forma como aqueles africanos viviam e da religião que professavam. Nesse contexto, observa-se que os retornos dos libertos, em especial para a África, tinham motivações diversas, fossem por iniciativas próprias ou mesmo por deportações, e que, normalmente, se davam para os lugares de onde foram originalmente embarcados. Porém, nem todos os que retornavam às terras de origem



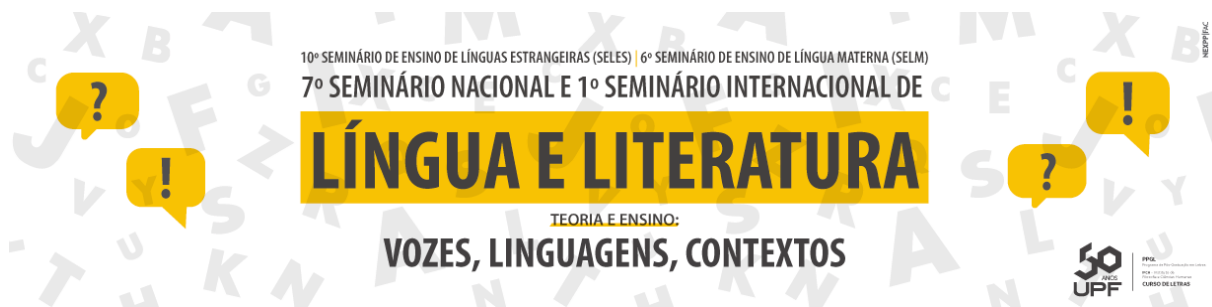
dos antepassados conseguiram se reconhecer como parte desses lugares, o que determinava uma espécie de falso retorno. Quais fossem as motivações das pessoas envolvidas nesses retornos, o que se pode dizer é que a grande maioria era tocada por um sentimento de nostalgia.

Embora definida em dicionários como “(*nostos*, regresso, e *algos*, dor). 1. Melancolia, tristeza causada pela saudade da pátria. 2. Saudade.”, em tempos pós-coloniais ou de descolonização, quando abordada pela perspectiva colonial, a nostalgia “representa um dos legados macroscópicos da experiência histórica de Portugal” como lembra Paul Gilroy ao ser citado por Roberto Vecchi em um Seminário Especial na Universidade de Passo Fundo chamado “Práticas e políticas da nostalgia colonial”. A ótica pela qual o professor mencionado citou o sentimento da nostalgia referiu-se em particular às relações coloniais entre Portugal e África, no entanto, tal sentimento tocou a todas as nações envolvidas nesses tempos, incluindo o Brasil como bem demonstra o relato que inicia este ensaio.

Todavia, pela necessidade de um recorte devido a amplitude de análises possíveis, este estudo dedica-se a observar a nostalgia no contexto do pós-colonialismo africano, apresentado no romance “Os retornados: um amor nunca se esquece” (2008) do autor angolano Julio Magalhães. O movimento de retorno dos colonos para a metrópole portuguesa deu-lhes o adjetivo de “retornados”. Para alguns, no entanto, um falso retorno porque não conheciam Portugal.

O romance de Júlio Magalhães, publicado em 2008 tem com base depoimentos verídicos e retrata, de forma romanceada, uma descolonização precipitada que obrigou milhares de portugueses a, em 1975, fugir repentinamente de Angola, colônia portuguesa, devido ao processo de independência que lá se instalara. Como grande parte da retirada dos colonos portugueses se deu por meio de aeronaves pela rapidez que ofertavam e também pela grande quantidade de pessoas que transportavam, o romance em questão detém grande parte de sua narrativa no aeroporto de Luanda e especificamente no voo Nova Lisboa 747.

Assim, é nesses espaços que, nessa obra, se concentram e podem ser observadas mais de perto as reações e sentimentos tanto dos portugueses do continente que faziam os resgates, quanto dos seus colonos compatriotas que eram resgatados. Dessa maneira, objetivo proposto é analisar esses espaços, aeroporto e aeronaves, como um lugar de representação da nostalgia



causada pelos movimentos comuns desses tempos de descolonização em que ex-colonizados e ex-colonizadores buscam reorganizar suas vidas.

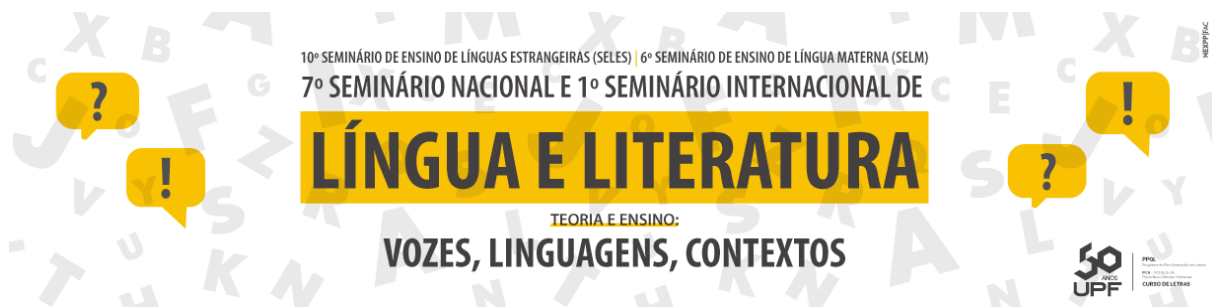
Para cumprir esse intuito, utilizam-se as teorias de Stuart-Hall (2013) e Santos (2003) sobre pós-colonialismo e alguns outros teóricos sobre o tema nostalgia. A metodologia consiste em analisar trechos do romance que retratem estes lugares e, como a obra também o faz, apresentar algumas fotografias que corroborem, as afirmações e análises feitas. Tudo isso, a fim de verificar a ocorrência de um sentimento de nostalgia que, como poderá se observar, tocou a muitos. É nesse contexto, que este ensaio apresenta os aspectos teóricos necessários bem como uma análise do corpus seguida das considerações finais e referências.

Para que se possa compreender melhor o contexto histórico no qual está situado o romance é preciso que se observem alguns aspectos sobre o pós-colonialismo como o considera o historiador Stuart Hall, mas há que se registrar que outros teóricos também utilizam a nomenclatura “descolonização” e por isso ambas serão utilizadas concomitantemente nesse estudo.

Ao abordar o tema do pós-colonialismo, Stuart Hall (2013) menciona a dificuldade sentida por muitos sujeitos no retorno as suas sociedades de origem, visto que, tudo o que ficou para trás num tempo distante, pode não estar mais à disposição desse indivíduo, quer seja os bens materiais, quer seja os relacionamentos amorosos ou fraternais. De acordo com Hall (2013) a sensação de interrupção nos elos naturais mantidos anteriormente deve ser substituída pela felicidade de estar novamente “em casa”, contando, é claro, com a irrevogável intervenção da história.

Na raiz das sociedades atuais estão povos, cujas origens são diversas e, em muitos casos, resultantes de ações violentas. São comunidades que se formam a partir de uma copresença espacial e temporal de sujeitos que, anteriormente isolados por distâncias geográficas e históricas, agora se cruzam. Segundo Hall (2013), essa perspectiva é aquela em que o colonizador produz o colonizado e vice-versa. A afirmação do estudioso vai ao encontro do que diz Santos (2003) sobre as relações de Portugal com as suas colônias “é possível que o excesso de alteridade que identifiquei no colonizador português seja igualmente identificável no seu colonizado” (Santos, 2003, p. 28).

Segundo Hall, a “impureza” dos indivíduos modernos é uma condição necessária da modernidade e as novas combinações de seres humanos é uma novidade que passa a compor o



cenário de um mundo sem fronteiras e com muitos deslocamentos. Essa composição se apresenta na era da exploração e das conquistas europeias e da formação de mercados capitalistas, não sendo, portanto, um fenômeno novo. Além de impulsionar impérios em suas conquistas, os muitos movimentos contribuíram para as ações de colonização, de modo que, para Hall “os impérios, produtos de conquista e dominação, são frequentemente multiculturais” (Hall, 2013, p.60) e, desde os poderes colonizadores na África até as grandes potências no Oriente Médio e Europa Central, todos se ajustam mais ou menos à descrição multicultural.

O conceito de colonialismo pode ser definido como uma relação binária entre colonizador e colonizado, conforme orienta Stuart Hall (2013). Dentro desse contexto, Boaventura de Sousa Santos (2003) explica que, quando se trata de Portugal, pode-se falar de uma especificidade do colonialismo português, visto que há uma relação de hierarquia entre os diversos colonialismos europeus. O autor complementa dizendo que “se a especificidade é a afirmação de um desvio em relação a uma norma geral, nesse caso a norma é dada pelo colonialismo britânico: é em relação a ele que se define o perfil – subalterno – do colonialismo português” e que “a subalternidade está no fato de que Portugal, como país semiperiférico, foi ele próprio, durante longo período, um país dependente – em certos momentos quase uma ‘colônia informal’ – da Inglaterra” (Santos, 2003, p. 24).

Para o autor, a particularidade do colonialismo manifestou-se nos aspectos do social, político, cultural, nas práticas cotidianas de convivências e sobrevivência, no senso comum e dos demais saberes e em muitos outros planos da vida em sociedade. Segundo o autor, a grande diferença entre o colonialismo inglês e o português foi o fato de que o primeiro sempre foi o “colonialismo-norma porque protagonizado pelo país que impunha a normatividade do sistema mundial” (Santos, 2003, p. 25). Por sua vez, Portugal precisou romper com um passado que não coincidia com o seu presente e foi manipulado de acordo com as conveniências políticas vigentes, fato que resultou em uma constatação inquietante quando se observa as ex-colônias portuguesas: “o subdesenvolvimento do colonizador produziu o subdesenvolvimento do colonizado” (Santos, 2003, p. 25).

Nos estudos pós-coloniais, de acordo com Santos (2001), o colonizador é uma figura soberana. Contudo, no colonialismo português, foi somente no final do século XIX, na África, que Portugal representou o império e, ainda assim, em circunstâncias singulares. Fora desse



tempo, Portugal representou a si mesmo, como um sujeito desprovido de identidade imperial, isto é, tão sem soberania quanto o seu colonizado. Nesse sentido, não é possível fazer uma distinção clara entre a identidade de colonizador e colonizado desse país ou, como observa Santos,

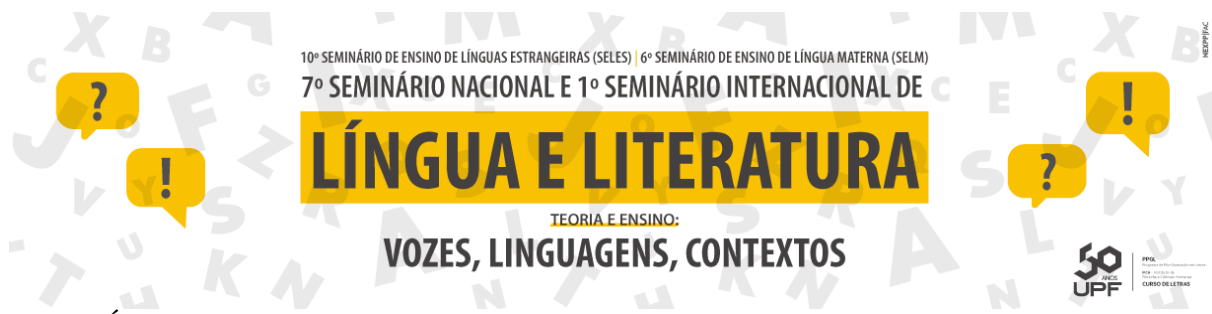
a identidade do colonizador português é, assim, duplamente dupla, constituída pela conjunção de dois outros: o outro que é o colonizado e o outro que é o próprio colonizador enquanto colonizado. Foi essa aguda duplicidade que permitiu ao português ser emigrante, mais do que colono, nas “suas” próprias colônias (SANTOS, 2003, p. 27).

Conforme Santos (2003), a partir do século XV, a imagem construída pelos portugueses ia do subdesenvolvimento, condições precárias de vida, falta de higiene, preguiça, ignorância, à sensualidade e superstição e lhes era atribuída e reconhecida por viajantes, comerciantes e religiosos vindos da Europa civilizada – Inglaterra, França e Alemanha – e constata-se que se mostrou muito próxima da imagem dos povos nativos de suas colônias.

Embora os relatos de viajantes mostrasse um país de “saudosismo e propensão à melancolia; exagerada moleza de caráter; [...] espírito aventureiro; falta de perseverança, de capacidade empresarial e de chefia; [...] incompreensão das consequências sociais das ações” (Santos, 2003, p. 34), Portugal foi a primeira potência europeia a lançar-se na expansão ultramarina e a que manteve por mais tempo seu império. Contudo, sua hegemonia no sistema moderno foi de curta duração, tendo o seu fim decretado já no início do século XVI.

Do contato com os colonizados, resultou a “cafrealização” de Portugal, termo este utilizado por Santos. Cafrealização é, segundo o autor,

uma designação utilizada a partir do século XIX para caracterizar de maneira estigmatizante os portugueses que, sobretudo na África Oriental, se desvinculavam de sua cultura e seu estatuto civilizado para adotar os modos de viver dos “cafres”, os negros agora transformados em primitivos e selvagens. Trata-se pois de portugueses apanhados nas malhas de Caliban e de fatos calibanizados, vivendo com mulheres e filhos calibans, segundo os costumes e línguas locais. Até então a designação “cafre” (do árabe “*kafir*”, infiel) servia apenas para distinguir os negros não-muçulmanos daqueles que falavam árabe e estavam envolvidos no comércio que os povos de cultura árabe-muçulmana e suaíli mantinham há séculos naquelas paragens. (SANTOS, 2001, p. 2003)



É numa condição de marginalizados e incompreendidos que muitos dos outrora chamados “cafres”, passam para a condição de “retornados” quando se veem obrigados a retornar a Portugal com as lutas por independência travadas pelas colônias portuguesas em terras como a África, como demonstra “Os retornados...”.

Comprovando, em alguns aspectos, a visão dos viajantes europeus “desenvolvidos”, Portugal não manifestou preocupação com as consequências que as revoluções, como a de 25 de Abril, poderiam causar aos seus conterrâneos que estavam além-mar. Tragédia histórica, com consequências previsíveis, a descolonização atingiu repentina e gravemente os colonos portugueses que, de uma hora para outra, perderam as ilusões coloniais e tiveram que abandonar às pressas os lugares em que viviam e as vidas que haviam construído.

Foi a partir do movimento de retorno dos colonos para a metrópole portuguesa que eles passaram a ser lembrados pelo adjetivo de “retornados”. Para alguns, no entanto, um falso retorno porque não conheciam Portugal. Este é o caso do personagem Carlos Jorge, filho de pais portugueses que haviam deixado Portugal no início dos anos 50, para encontrar em terras ultramarinas melhores condições de vida. Muitos anos depois, com a vida constituída em Angola (casamento, emprego, amizades), o filho desse casal, Carlos Jorge, encontra-se dentro de um avião, com mulher, filho e com cerca de 400 outros portugueses decolando do aeroporto de Luanda, capital de Angola, na África, em retorno a Portugal.

O trecho a seguir, comprova o que, em teoria, este estudo já apresentou sobre como se deu o processo de descolonização portuguesa.

A instabilidade que se vivia nas colônias ultramarinas no pós-25 de Abril, com grupos de libertação a voltarem à guerrilha armada, lutando pela independência, ganhava contornos mais alarmantes. O governo de Lisboa tinha baixado as armas, a confusão política que se vivia em Portugal não deixava grande discernimento para a resolução do problema das ex-colônias. (MAGALHÃES, 2008, p. 30).

Por esse motivo, é que, em aviões ou em barcos, os agora ex-colonos portugueses providenciaram seu retorno a Portugal, deixando, contudo, além de casas e carros, também empregos e amigos. Para muitos só foi possível levar como bagagem lembranças, pois o desespero para conseguir fugir da guerra atingia a tantos que não havia lugar para mais do que isso dentro das poucas possibilidades de transportes existentes.

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS

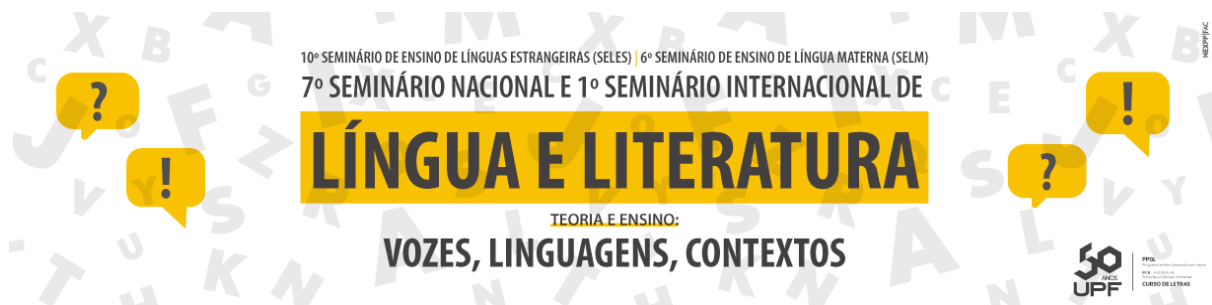
Aeromoça de uma companhia portuguesa que aterrissa no aeroporto de Luanda no voo de resgate Nova Lisboa 747 Joana percebe que “mal o avião estacionou na placa, já era possível vislumbrar do cockpit um cenário difícil de descrever. Milhares de pessoas amontoadas no aeroporto, à espera da sua vez para entrarem para um qualquer avião que chegasse” (MAGALHÃES, 2008, p. 35). No romance de Júlio Magalhães, a narrativa detalhista é amparada por fotos reais do fato histórico que a inspira, como a aquela que segue.



Fonte: Os retornados: um amor nunca se esquece

Conforme o romance relata, milhares de portugueses passaram semanas no aeroporto de Luanda à espera dos voos de resgate que o governo português, embora tardiamente, providenciara. E, para que pudessem entrar logo nas aeronaves e deixar o perigo que o aeroporto se tornara, muitos foram obrigados a deixar seus pertences em terra, e assim, retornar a Portugal, como somente “com a roupa do corpo”.

Sobre episódios como esse, o piloto do voo 747 pede aos colegas que imaginem “o que é ir à própria terra natal buscar conterrâneos que regressam nesta situação [...]” e observa que muitas “não tinham nada. Só queriam partir dali. Algumas até nos ofereceram o carro, com a chave e os papéis em troca de as metermos no avião” (Magalhães, 2008, p. 28). Tanto o



piloto como a aeromoça Joana só perceberam a real situação daquelas pessoas quando passaram a ficar frente a frente com elas e, então, compreendiam a seriedade do momento que todos viviam.

O regresso a Lisboa de quase meio milhão de portugueses, feito de forma precipitada, era bem a imagem daquilo que foi o processo de descolonização: confuso e desastrado. Regressaram apenas com o que tinham vestido, deixaram tudo para trás. Como Portugal, que após cinco séculos de presença em terras africanas, a única coisa que conseguiu trazer de verdadeiramente útil foi jogadores de futebol (MAGALHÃES, 2008, p.31).

Muitos eram os sentimentos que atingiam tanto aqueles que partiam quanto os que ficavam em terras africanas. O envolvimento do colonizador com o colonizado também produziu relações de afetividade e, assim, mesmo que em condições de empregados em casas portuguesas, alguns africanos, se não muitos, como o casal Inácio e Eugénia “não conseguiam segurar as lágrimas. Sentiam que estava perto do fim a relação de tanto anos com aquela família” (Magalhães, 2008, p.41) e demonstravam-se também eles afetados pelo sentimento de nostalgia de um tempo, sabiam, não existiria mais. Contudo, antes mesmos de muitos patrões retornarem a Portugal, empregados como Eugénia lhes desejavam prontamente o retorno “quando tudo acalmar, regressa para junto de nós e tudo está direitinho como deixou” (Magalhães, 2008, p.41).

Aos que não conseguiam entrar nos aviões e ficavam para trás, no aeroporto, restava esperar. Para os que conseguiam, ficava claro que, apesar de saberem o destino do voo, era impossível determinar o rumo que suas vidas iriam tomar. Desse modo, entre choros e desmaios, começava não só o retorno, mas também as memórias e saudades começavam a tomar conta dos pensamentos de muitos. É através de Carlos Jorge que é possível verificar esta afirmação.

Carlos Jorge não conseguiu adormecer. A memória dos seus dias em África não lhe permitia sequer pensar em descanso. [...] Uma parte do seu coração gritava por saudades da terra onde crescer e estava em conflito permanente com a outra metade que vivia revoltada e o obrigava a passar uma ‘esponja’ por tudo o que tinham sido aqueles trinta anos intensamente vividos (MAGALHÃES, 2008, p. 51).

O autor do romance dá à aeromoça Joana a tarefa de retratar os sentimentos de tristeza e perda que toca aos portugueses em voo, como se observa no trecho a seguir em que ela

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS

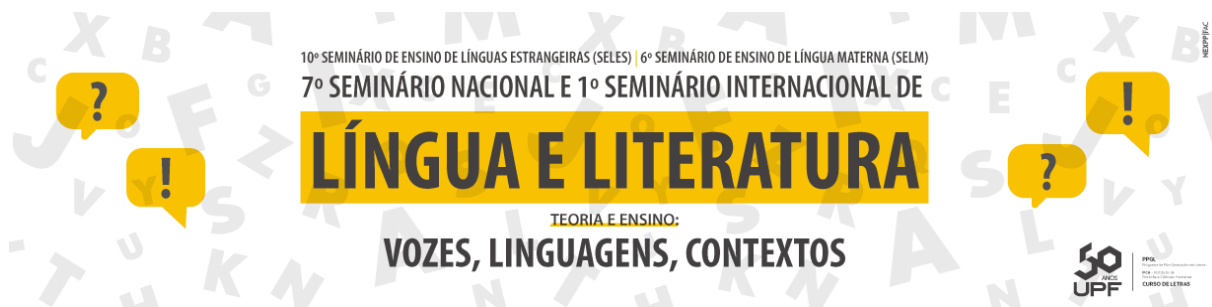


“fazia um esforço para se pôr no lugar de um só dos passageiros e imaginar quanta amargura ali viajava. Chegou mesmo a pensar que aquele avião ia cheio de gente, mas cheio de nada” (Magalhães, 2008., p.50). A impressão “do nada” parece ser tão forte que é repetida pela personagem “- Tanta gente e tão pouco. [...] São tantos e vão cheios de nada. Nunca senti um avião tão vazio” (Magalhães. 2008, p. 50).



Fonte: Os retornados: um amor nunca se esquece

Em aeroportos, dentro de aviões ou em quaisquer outros meios, o que se pode dizer que é aos retornados portugueses, além do “desalento da debandada da ‘nossa’ África”, como afirma um deles, muito mais complicado era o “desânimo de voltar a um País, o seu, sem futuro à vista e rendido à sobrevivência [...] (Magalhães, 2008, p.79). Ao deixarem tudo para trás, muitos se sentiam perdidos, por sentirem que não pertenciam nem ao lugar que estavam abandonando, muito menos ao seu país, Portugal, onde precisariam recomeçar.



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os portugueses, o regresso a Portugal era nostálgico porque construía uma imagem de um passado já muito distante ou nem sequer vivenciado e por isso se tratava de um regresso imperfeito. Enfim, o fenómeno dos retornados de Portugal revela que passado e presente dialogam.

Portanto, nesse contexto, muitos portugueses se revelaram duplos exilados por não se reconhecerem no lugar que deixavam, nem no lugar para o qual retornavam. De modo concreto o que se pode dizer sobre “Os retornados”...” de Júlio Magalhães, é que o cenário retratado revela que, se havia a nostalgia pelo retorno à terra de origem, mesmo que pelos motivos já expostos”, para muitos retornados, essa se sobrepunha quando aplicada às terras africanas revelando o desejo explícito de um breve retorno a elas.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. **A questão multicultural. In. Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Org. Liv Sovik. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2ª edi. 2013.

HALL, Stuart. **Quando foi o pós-colonial. In. Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Org. Liv Sovik. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2ª edi. 2013.

MAGALHÃES, JÚLIO. **Os retornados: um amor nunca se esquece.** 6ª edição. A esfera dos livros. 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Entre próspero e caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade.** In. Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos da identidade. Porto: Afrontamento. 2003.

SANTOS, Joice. **Banzo de casa.** In. Revista de História. Edição Especial. Ano 9. Nº 100. Janeiro/2014.